

ENTREVISTA AO DIRETOR DE FOTOGRAFIA JOSÉ ANTÓNIO LOUREIRO: O APRENDIZ E O MESTRE NO CINEMA PORTUGUÊS

Maria Raquel Paulo Rato Alves¹

Resumo: Esta entrevista foi realizada ao diretor de fotografia José António Loureiro, a 20 de Junho de 2012, em Lisboa. Surgiu da necessidade de conhecer melhor o trabalho do diretor de fotografia Acácio de Almeida, durante a investigação da minha tese de doutoramento realizada em Paris, entre 2008-2013, na Universidade *Sorbonne Nouvelle* – Paris 3, intitulada: *La Lumière dans le cinéma: L'œuvre d'Acácio de Almeida comme directeur de la photographie*, publicada em livro em 2015. Entrevistar José António Loureiro foi indispensável, pois foi assistente de imagem do diretor de fotografia Acácio de Almeida durante 12 anos, vindo mais tarde a tornar-se diretor de fotografia, em 1989, no filme *Recordações da casa Amarela* (1989), de João César Monteiro. A entrevista fala do relacionamento entre o assistente de imagem e o seu “mestre”, Acácio de Almeida, e a forma como era trabalhado o cinema português nos anos 1980. José António Loureiro conta-nos histórias e fatos de como era filmar naquela época em Portugal.

Palavras-chave: Direção de Fotografia. Assistente de Imagem. Cinema Português. Os Anos 80 no Cinema Português. Acácio de Almeida.

¹Licenciada em Cinema e mestre em Audiovisual e Publicidade na Universidade de Salamanca. Em Dezembro de 2013, obtém o grau de doutora em Cinéma et Audiovisuel pela Universidade de Paris 3 Sorbonne Nouvelle. É autora do livro: “La Lumière dans le Cinéma: L'œuvre d'Acácio de Almeida comme directeur de la photographie”. Investigadora doutorada integrada do IHC - Instituto de História Contemporânea - da FCSH da U.Nova de Lisboa, onde exerce a actividade de investigação no domínio da História Oral do cinema portu-

guês. Em 2017 é criadora e coordenadora do EI- HOCP (Estúdio de Investigação de História Oral do Cinema Português) inserido no IHC, no grupo de trabalho: *Cultura, Identidade e Poder*. Sítio: <https://raquelrato35.wixsite.com/ei-hocp>

INTERVIEW WITH THE DIRECTOR OF PHOTOGRAPHY JOSÉ ANTÓNIO LOUREIRO:
THE APPRENTICE AND THE MASTER IN PORTUGUESE CINEMA

Maria Raquel Paulo Rato Alves

Abstract: This interview took place with director of photography José António Loureiro on June 20, 2012 in Lisbon. It aroused from the need of better knowing the work of a director of photography Acácio de Almeida, during the research for my PhD thesis that took place in Paris between 2008-2013 at the *Sorbonne Nouvelle* University – Paris 3, titled: *La Lumière dans le Cinema: L'œuvre d'Acácio de Almeida*, published as a book in 2015. Interviewing José António Loureiro was essential due to the fact he was the Assistant of Photography Acácio de Almeida for a period of 12 years, later becoming himself Director of Photography, in 1989, with the film *Recordações da Casa Amarela*, in the same year, by João César Monteiro. The interview reveals the relationship between the image assistant and his “master”, Acácio de Almeida, and the way the Portuguese cinema was worked in the 80's. José António Loureiro tells us stories and facts of how it was the filming at that time in Portugal.

Keywords: Direction of Photography. Image Assistant. Portuguese Cinema. The 1980's in Portuguese Cinema. Acácio de Almeida.

Imagem 1



Primeiro plano José António Loureiro, na câmara, Acácio de Almeida²

Raquel Rato: És diretor de fotografia, mas anteriormente começaste por ser assistente de imagem, como já referiste. Podes dizer-me em que é que consiste o trabalho de um assistente de imagem?

José A. Loureiro: Na altura em que fui assistente de imagem, era como o “braço direito” do diretor de fotografia. Controlava praticamente tudo, sabíamos montar e desmontar as câmaras, trabalhar a película, revelar. Toda a preparação antes das filmagens com todo o material de câmara, durante as filmagens toda a manutenção das câmaras, fazer os focos e ter uma relação direta entre o diretor de fotografia e o laboratório. Éramos nós que sabíamos as novidades, fazíamos os testes para o laboratório, praticamente fazíamos tudo o que o diretor de fotografia precisava para depois fazer o filme.

Hoje em dia, já não é tanto assim, porque a película desapareceu, a abordagem para os assistentes de imagem é muito mais simples. No meu tempo, trabalhava sozinho, não havia 1º, nem 2º assistente, hoje há assistentes, estagiários... Lembro-me de sair com a carrinha do Acácio de Almeida, uma Bedford, onde ia todo o material de imagem e o material de câmara. Íamos para Trás-os-Montes³, para França, Espanha etc., Hoje em dia seria preciso três ou quatro camiões.

² Fotografia de rodagem do filme *Silvestre*, de João César Monteiro, cedida por Acácio de Almeida.

³ Região do norte de Portugal, onde o cineasta António Reis filmou vários dos seus filmes.

Para te dar um exemplo, quando fomos (Acácio de Almeida como diretor de fotografia, e eu como assistente de imagem) fazer o filme *La Maschera* (1988), de Fiorella Infascelli em Itália, assim que chegamos, em conversa com o produtor, ele pergunta-me: “quantos assistentes queres?” Olhei para o Acácio de Almeida sem saber o que responder e o Acácio respondeu: “o assistente é ele”. O produtor lá insistiu e deu-nos mais dois assistentes, mas como eu estava habituado a fazer tudo sozinho, nem sabia distribuir bem o trabalho. Então lá ficou um para carregar os *magazines* e o outro ia buscar-nos e levar-nos ao hotel. Foi uma “escola” enorme, estes anos. Também fazíamos iluminação, ajudávamos a montar os *travellings*. Éramos “pau para toda a obra”.

Imagem 2



Actriz Helena Bonham Carter

Imagem 3



Fiorella Infascelli e Acácio de Almeida⁴

Quando fizemos *Dans la Ville Blanche* (1983), de Alain Tanner⁵, a equipa era a seguinte: eu, o Acácio de Almeida, o Jorge e o Vasco. Quatro pessoas para fazer o filme. Uma carrinha com meia dúzia de projetores e depois o sucesso que teve o filme. Hoje é um pouco impensável, é possível, mas ninguém se mata a fazer um filme como naquela altura. Perdeu-se muito da paixão e do espírito, sobretudo aqui em Portugal.

4 Fotografia cedida por Acácio de Almeida.

5 Realizador suíço.

Imagem 4



Fotografia de rodagem do filme *Dans la Ville Blanche* (da esquerda à direita : Bruno Ganz, José António Loureiro, Acácio de Almeida e Alain Tanner)⁶

Raquel Rato: Em Portugal não vejo união nas pessoas que trabalham no cinema para defenderem os seus direitos.

José A. Loureiro: Sim, porque naquela altura éramos meia dúzia e agora somos centenas de pessoas. E quanto aos direitos, hoje em dia, ninguém pensa nisso. Por mais que se tivesse tentado, houve sempre pessoas que não se preocuparam. Eu lembro-me de irmos todos os dias à Tobis portuguesa⁷ visionar os filmes, ver o que tínhamos filmado no dia anterior, o que se chamava os *ruches*⁸, isto era a nossa grande escola. Hoje não

6 Fotografia retirada de Manuel Cintra Ferreira, "Alain Tanner", Edição Cinemateca Portuguesa, 1987, p.66. Autor desconhecido.

7 A Companhia Portuguesa de Filmes Sonoros Tobis Klangfilm foi criada em 3 de Junho de 1932, com o intuito de apoiar e fomentar o desenvolvimento do Cinema Português, bem como criar uma uniformidade de processos ao nível do som e imagem, na Europa, de forma a combater o poderio norte-americano. A Tobis foi a mais antiga produtora de filmes em Portugal, com a designação de Companhia Portuguesa de Filmes Sonoros-Klangfilm. Um ano depois, foi responsável pelo primeiro filme sonoro produzido em Portugal, *A Canção de Lisboa*, de Cottinelli Telmo, que foi o responsável pela construção do estúdio da Tobis, inaugurado em 1934, no Lumiar, em Lisboa.

8 *Ruches* é o material que foi filmado naquele dia. Película sem montagem.

há visionamento como naquela altura, mas há os DVDs, e no fim do dia, digo aos meus assistentes para visionarmos o que filmamos e eles não querem e dizem que já viram no monitor.

Raquel Rato: É a questão do digital que pode ter aspectos positivos, mas também pode ter pontos negativos.

José A. Loureiro: Hoje em dia os próprios realizadores, que, antes tinham um noção direta ao olhar para o ator, agora olham para o monitor, penso que não estão a olhar concentrados nos ator.

Raquel Rato: O Acácio de Almeida diz que em geral os bons realizadores estão ao lado da câmara.

José A. Loureiro: Estou totalmente de acordo. Num trabalho que acabei agora de fazer, o realizador, quando chegava ao *plateau*, dizia-me várias coisas, mas depois perguntava-me onde é que eu ia por a câmara e que objetivas eu ia usar. Coisas que devia ser ele a decidir.

Raquel Rato: O diretor de fotografia Renato Berta⁹ afirmou mais ou menos assim numa entrevista: “os realizadores são cada vez mais literários e cada vez menos cinematográficos”.

José A. Loureiro: Exatamente, mas custa-me imenso dizer isto. Uma das coisa que aprendi com o Acácio de Almeida é nunca impor as minhas idéias. Posso aconselhar, dar um ponto de vista, mas para mim o número um é o realizador e ele é que tem de decidir. Eu faço a fotografia para o realizador e para o filme.... Agora, estamos uma manhã inteira para fazer um plano, não pode ser, eu tento sempre que o dia seja produtivo.

⁹ Nasceu em 1945 na Suíça. É um dos mais célebres diretores de fotografia de cinema. Para além de Jean-Luc Godard, trabalhou com os cineastas: Alain Tanner, Alain Resnais, Jean-Marie Straub e Danièle Huillet, Amos Gitaï e Manoel de Oliveira, entre outros.

Raquel Rato: Estás ligado só a Portugal ou também à França?

José A. Loureiro: Desde 1980 que trabalhei muito lá e em Portugal como assistente de imagem, a partir de 1990 é que trabalho como diretor de fotografia, e no fundo estou mais ligado à França, pago a minha segurança social, tenho direito aos *assedics du spectacle*¹⁰, coisas que são impensáveis aqui em Portugal.

Raquel Rato: Foi pena o Acácio de Almeida não ter feito o mesmo.

José A. Loureiro: Sim, foi pena. Um dia o Pedro Almodovar¹¹ foi ter conosco e o Acácio de Almeida recusou fazer o filme que ele lhe propôs. Este filme, foi o primeiro Oscar que o Pedro Almodóvar ganhou como filme estrangeiro. Também foi convidado por uma americana e ele recusou na mesma, pois estava ocupado com outros projetos. O Acácio de Almeida hoje poderia estar melhor e ter uma projeção mundial, só que ele teve medo na altura, não foi uma pessoa que arriscou, acho que foi pena.

Raquel Rato: O Acácio de Almeida foi peça chave para o desenvolvimento da tua carreira como diretor de fotografia?

José A. Loureiro: Sem dúvida alguma, 70% do que eu sei aprendi-o com ele. Nós chegávamos a fazer quatro a cinco filmes por ano. Aprendi desde a parte humana (para mim foi como um pai) até à parte técnica. Aliás, eu venho a ser diretor de fotografia por causa dele. Recusámos muitos projetos, porque o Acácio de Almeida aceita fazer um filme em França. Este projeto, em França, recusei-o fazê-lo, pois não acreditava muito no produtor.

10 Um intérprete intermitente na França é um artista ou técnico que trabalha intermitentemente para empresas de artes cénicas, cinematográficas e audiovisuais e que beneficia de acordo com os critérios de número de horas de trabalho. Este grupo socioprofissional tem benefícios de desemprego quando não trabalha.

11 Pedro Almodóvar (Calzada de Calatrava, 24 de setembro de 1949) é um premiado cineasta, ator e argumentista espanhol.

Na mesma altura, o João César Monteiro¹² tinha convidado o Acácio de Almeida para fazer *Recordações da Casa Amarela*¹³, mas o Acácio como tinha aceite o projeto em França diz que não pode fazer o filme. Entretanto, o João César Monteiro diz ao Acácio de Almeida: “se tu não fazes o filme vou buscar o teu assistente”, acho que o Acácio de Almeida nem acreditou... Depois venho a saber que ele tinha recusado o filme do João César Monteiro, ainda tentei que o Acácio de Almeida aceitasse, mas não o fez. Entretanto, vai para França e passado ai uns 15 dias o João Pedro Benard e o Joaquim Pinto, que vão produzir o filme, chamaram-me para ir conversar com eles. Convidaram-me como diretor de fotografia para fazer o filme do João César Monteiro. Eu fiquei sem palavras e indeciso, mas com a força de tanta gente da equipa que eu já conhecia, acabei por aceitar o trabalho, e foi assim que comecei a minha carreira de diretor de fotografia.

Raquel Rato: Esse filme teve dois prêmios.

José A. Loureiro: Sim, um deles foi o de melhor fotografia do Festival de Veneza. A partir daí, os nossos caminhos foram seguindo rumos diferentes. Ainda vim a trabalhar com o Acácio de Almeida como assistente dele em dois filmes, mas, como nos anos 1990 faziam-se muitos filmes franceses cá em Portugal, tive a oportunidade de desenvolver o meu trabalho. Ainda pensei em ir para França mas acabei por ficar em Portugal. Tudo isto aconteceu graças ao Acácio de Almeida. A ele devo-lhe imenso, era um prazer trabalhar com ele.

12 Figueira da Foz (2 de fevereiro de 1939 — Lisboa, 3 de fevereiro de 2003) foi um cineasta português. Integrou o grupo de jovens realizadores que se lançaram no movimento do Novo Cinema. Irreverente e imprevisível, fez-se notar como crítico mordaz de cinema nos anos 1960. Prosseguiu a tradição iniciada por Manoel de Oliveira (Acto da Primavera) ao introduzir no cinema português de ficção o conceito de antropologia visual — Veredas e Silvestre —, tradição amplamente explorada no documentário por outros cineastas portugueses como António Campos, António Reis, Ricardo Costa, Noémia Delgado ou, mais tarde e noutro registo, Pedro Costa. Segue um percurso original que lhe facilita o reconhecimento internacional. Várias das suas obras são representadas e premiadas em festivais internacionais como o Festival de Cannes e o Festival de Veneza (Leão de Prata: *Recordações da Casa Amarela*).

13 Este filme obteve dois prêmios. Um foi no Festival de Veneza (Leão de Prata, 1989) e outro no Festival de Dunquerque (Prémio da realização, e interpretação masculina – Prémios da imprensa e do público). A estreia de *Recordações da Casa Amarela* foi a poucas semanas decorridas sobre a sua distinção com um Leão de Prata no Festival de Veneza. Constituiu um fenómeno raro no nosso mercado cinematográfico.

Raquel Rato: Achas que o Acácio de Almeida tem uma luz particular?

José A. Loureiro: O que eu sinto é que houve uma época em que o Acácio de Almeida tinha uma característica muito própria que gradualmente foi evoluindo. O Acácio de Almeida tinha um dom, isto é, ele “pincelava” muito bem cada filme. Houve uma época em que a tonalidade era muito pastel, nos princípios dos anos 80, mas depois ele começou a fugir disso e a preocupar-se cada vez mais em cada filme. Quando ele lia o guião, trabalhava verdadeiramente cada *décor* e cada filme e isso é uma coisa que eu também aprendi com ele. Ele era uma pessoa que trabalhava o dia a dia no filme, sobre o momento, e só quando via o *décor*, e os atores, o guarda roupa, inspirava-se e imediatamente punha-se a iluminar. Até porque o cinema português muitas vezes assim o exigia, era tudo no momento. Por exemplo, o próprio Alain Tanner não tinha guião, esse ia sendo escrito à medida que se ia filmando, assim como os *décors*, ele muitas vezes escolhia um local quando passava por ele. Neste aspecto, o Acácio de Almeida trabalhava bem assim, pois ele nunca sabia como ia começar um filme e como é que o ia acabar. Ele era, e é, uma pessoa com uma intuição enorme.

É pena neste momento não haver trabalho para ele, e como sabes está praticamente tudo parado. É a injustiça deste mundo, começamos a ser trapos, pois somos mais velhos e depois vêm os jovens. Hoje em dia ele poderia ensinar os novos, mas estes não dão valor a isso porque acham que já sabem tudo.

Raquel Rato: Para mim o Acácio de Almeida é uma “figura fulcral” e fundamental da História do cinema português.

José A. Loureiro: Sim, sem dúvida nenhuma. Para mim, não lhe dão o mérito, porque, como tu sabes, aqui em Portugal o mérito é dado ou mais tarde, ou quando morremos, nunca é dado antes. E o que me choca é precisamente isso. A mim neste momento dão-me mais valor fora de Portugal do que dentro, e passa-se o mesmo com o Acácio de Almeida.

Raquel Rato: Realizadores com quem eu falei gostaram imenso de trabalhar com ele, mas como sabes um realizador é que é o autor do filme e eles não gostam muito de distribuir os “louros”.

José A. Loureiro: Eu nunca ouvi falar mal do Acácio de Almeida, ainda agora estive a trabalhar com actores franceses que se lembravam e perguntavam pelo Acácio e pelo seu trabalho, somente meia dúzia de portugueses é que dizem mal dele. Sabes que ele foi acusado por muitos que era ele que realizava os filmes.

Raquel Rato: Pelo que tenho investigado, chego à conclusão que se não fosse o Acácio de Almeida muitos dos filmes portugueses não tinham existido, ou não tinham o sucesso que tiveram. E quando digo isto, não sou eu que o digo, são pessoas que trabalharam diretamente com ele e que me confirmam.

José A. Loureiro: Sem dúvida alguma, até porque eu fui um deles. Seja como for, o realizador é que é sempre o autor. Muitos dos filmes foi o Acácio de Almeida que os fez, sem dúvida, mas o Acácio de Almeida nunca vai dizer que foi ele que os realizou.

Raquel Rato: Sim é verdade, mas nestes últimos tempos o Acácio de Almeida, quando lhe pergunto se foi ele que teve aquela idéia, se foi ele que fez, ele já me vai respondendo que sim.

José A. Loureiro: Mas sabes porquê? Porque se sente injustiçado nesta altura. Ele agora é um homem revoltado, coisa que ele nunca foi.

Raquel Rato: Podes falar mais um pouco do filme *Dans la Ville Blanche* (1983)? É que em 2008 foi feita uma retrospectiva do Alain Tanner na cinemateca francesa e quando passaram este filme, no final houve um debate com o realizador e com o produtor Paulo Branco. Eu fiz algumas questões, nomeadamente qual tinha sido o contributo do Acácio de Almeida neste filme. Alain Tanner respondeu que ele não tinha passado de um técnico.

Imagem 5



Fotografia de rodagem do filme, *Flamme Dans Mon Coeur*. (Da esquerda para a direita: Alain Tanner, Myriam Mézières, José António Loureiro e Acácio de Almeida)¹⁴

José A. Loureiro: A relação do Acácio de Almeida com o Alain Tanner acabou no filme *Une Flamme dans mon coeur* (1987), praticamente fomos filmar este filme logo a seguir ao outro. E quando estamos a filmar este último filme, Alain Tanner apercebeu-se que o filme anterior estava a ter um sucesso enorme. E no *Une Flamme dans mon coeur* o Acácio de Almeida impôs-se um pouco, pensando que Alain Tanner o deixava fazer, só que ouve um conflito entre os dois e a partir daí acabou.

Raquel Rato: O filme *Silvestre* (1981), do João César Monteiro, também foi um filme em que o Acácio de Almeida deu resposta.

Imagem 6



Fotograma do filme *Silvestre*, de João César Monteiro. Transflex e Projeção Frontal.

14 Fotografia retirada de : Manuel Cintra Ferreira, "Alain Tanner", Edição Cinemateca Portuguesa, 1987, p.66. Autor desconhecido.

José A. Loureiro: Sem dúvida nenhuma. Nós passávamos horas e horas no estúdio, à noite, a encontrar soluções com o *Transflex*, os espelhos e a projeção frontal. Sabes que o Acácio de Almeida é um inventivo, estava sempre à procura de novos conhecimentos, de criar novas situações. E não foi só neste filme, foram muitos. Ele criava maquetinas, guas com materiais obsoletos, mas que funcionavam na perfeição. Ele foi um dos primeiros inventores de uma “cabeça quente”.

Raquel Rato: E o que é isso?

José A. Loureiro: A “cabeça quente” é aquela cabeça que se controla por controlo remoto, ele fez isso para o *Silvestre*, do João César Monteiro. O protótipo era tão artesanal, mas funcionava lindamente. O Acácio de Almeida era mestre na parte inventiva. Naquela altura em relação ao diretores de fotografia portugueses ele era o mais internacional, e a partir do que o Acácio de Almeida via no estrangeiro, construía cá, era assim que funcionava. Aqui não tínhamos dinheiro, então tínhamos que nos desenrascar, por isso, tanto eu como o Acácio de Almeida sabíamos concertar as câmaras de filmar quando tinham algum problema.

Fizemos filmes só com três projetores, o *Ana*, de António Reis¹⁵, foi um deles. Também trabalhei no *Rosa da Areia*, produzido pelo Acácio de Almeida e realizado pelo António Reis.

Raquel Rato: Os filmes eram feitos com luz natural nos exteriores e nos interiores era aproveitada a luz proveniente de alguma janela ou porta, era assim?

15 António Reis (Valadares, 27 de Agosto de 1927 — Lisboa, 10 de Setembro de 1991) foi um cineasta e poeta português que se distingue pelo sentido poético da sua obra. É um dos representantes no filme documental do movimento do Novo Cinema, que explora as técnicas do cinema directo. Com contemporâneos seus, usando esses meios, empenha-se na prática da etnografia de salvaguarda. *Trás-os-Montes* (1976) é um dos primeiros documentários do cinema português. Obras do mesmo ano, tendo como precursoras o *O Acto da Primavera* (1962), realizado por Manoel de Oliveira e co-realizado por Reis, e *Ala-Arriba!* ((1948), de Leitão de Barros, caracterizam-se ainda como sendo etnografias, explorando de modo original os métodos do filme etnográfico.

José A. Loureiro: Sim, aquilo não era mais nada, no sentido que não tínhamos mais material para trabalhar. Também é verdade que nestes filmes não havia muitos movimentos, o que tornava mais “fácil” as filmagens pois não se iluminava em movimento, devido a serem muitos planos fixos.

Raquel Rato: O que pensas sobre os direitos de autor para os diretores de fotografia sobre a direção de fotografia?

José A. Loureiro: Sou muito céptico em relação a essa questão, porque sobretudo em Portugal acho que nunca vamos conseguir ter esse direito. Já se lutou muito, já tivemos um sindicato de cinema e nada se fez, por isso não vejo como é que é possível.

Raquel Rato: Achas que os realizadores também não ajudam muito nesta questão?

José A. Loureiro: Sim, sabes que os realizadores acham que são os autores de tudo, o filme é deles, a fotografia... Os realizadores também não querem dividir o pequeno bolo que eles recebem, ainda menos com o diretores de fotografia.

Raquel Rato: De todos os filmes que fizeste com o Acácio de Almeida ainda não falamos do Raul Ruiz¹⁶.

José A. Loureiro: Eu fiz três filmes com o Raul Ruiz. Era sempre muito divertido filmar com ele pois ele era também um inventor. Juntamente com o Acácio de Almeida, andavam sempre à procura de invenções. O Acácio, chegou mesmo a por gargalos de garrafas à frente da objetivas para fazer efeitos.

¹⁶ Raúl Ruiz (Puerto Montt, 25 de Julho de 1941 - Paris, 19 de Agosto de 2011) foi um cineasta chileno radicado em França, país no qual se exilou aquando a ocorrência do Golpe de Estado no Chile em 11 de Setembro de 1973. Fez parte de uma geração de cineastas chilenos politicamente comprometidos, como Miguel Littín e Helvio Soto. Mas aos poucos foi sendo considerado um autor distinto, que criava filmes cada vez mais criativos, surrealistas, irónicos e experimentais. É, por muitos, considerado o cineasta chileno mais importante da História do cinema. Retirado de: Alves, Maria Raquel P.R. “Acácio de Almeida um verdadeiro interprete de Raúl Ruiz e Teresa Villaverde”. Revista *Cordis* Eletrônica de História Social da Universidade Católica de São Paulo. ISSN 2176-4174. História, Cinema e Política, **pág. 4**.

Num dos filmes do Raul Ruiz, numa filmagem que se passava num redondel no hospital Júlio de Matos, andávamos com a câmara à volta, e os da decoração, assim que nós da câmara passávamos, mudavam um móvel, um quadro. Quando chegámos ao ponto de partida já era outro *décor*. Era um outro espaço. Um plano que andava sempre à roda. Aquilo era uma correria para a equipa, porque escondiam-se atrás dos armários... Estes filmes eram extraordinários. Paredes que se mexiam... O Raul Ruiz arranjava *décors* em que lhes punha rodas a tudo aquilo, e os *décors* iam contra os atores e a câmara parada, faziam uns efeitos esquisitíssimos era fabuloso trabalhar com ele.

Às vezes no meio de um filme fazíamos outro filme, e só depois é que acabávamos o filme inicial.

Raquel Rato: Recebeste influencias da direcção de fotografia do Acácio de Almeida?

José A. Loureiro: Sim, sem dúvida. Há coisas próprias, pois tenho vontade própria, mas para mim a base e toda a minha aprendizagem do meu conhecimento, a quem o devo, é a ele.

Raquel Rato: Tu és um autodidata como o Acácio de Almeida.

José A. Loureiro: Exatamente. Sabes como é que o Acácio de Almeida começou?

Raquel Rato: Sim, ele fazia fotografias no arquivo de identificação.

José A. Loureiro: Sim, e depois foi o António Cunha Telles¹⁷ que o foi buscar, pois ele era fotografo no arquivo de identificação.

¹⁷ É um cineasta e produtor português, um dos iniciadores do Cinema Novo português, tanto como realizador como produtor. Instala-se em Paris por volta de 1956, e estuda realização no *Institut des Hautes Études Cinématographiques* (IDHEC). Regressado a Portugal, assume funções directivas nos Serviços de Cinema da Direcção de Geral do Ensino Primário e dirige cursos de cinema na Mocidade Portuguesa. Em 1967 por falta de êxito comercial dos filmes desse novo movimento, abandona por curto período a produção e realiza *Cine-Almanaque*, jornal de actualidades cinematográficas de que são exibidas doze edições. Nas décadas de 80/90 reinicia a actividade de produtor, contando desde essa data com mais de 50 películas produzidas, de realizadores como Fonseca e Costa, Eduardo Geadá, Joaquim Leitão, Edgar Pêra, António de Macedo, António Pedro Vasconcelos, entre vários telefilmes e co-produções internacionais.

Raquel Rato: O Acácio de Almeida também foi influenciado pela luz da infância, pela luz da região onde ele viveu e cresceu.

José A. Loureiro: Sim, nota-se, pois a luz dele, no início, era sempre muito quente, muito de cores pastel. Ele viveu a sua infância sem eletricidade, vivia com a luz das lamparinas, das fogueiras e tudo isto vai ter influencia nele. Depois os tempos foram mudando e tudo foi evoluindo. Quando era miúdo, ele inventou uma máquina para projetar as sombras chinesas, ele sempre me contou estas coisas...